



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

ISSN ELETRÔNICO 2316-3801

DOI 10.17564/2316-3801.2015v4n0p33-43

CINEMA, CULTURA E MULHER IDOSA

CINEMA, CULTURE AND ELDERLY WOMAN

CINE, CULTURA Y MUJER ANCIANA

Ana Regina Messias¹

RESUMO

A proposta deste artigo é atentar para o cinema, a cultura e a mulher idosa com vistas a observar as consequências do envelhecimento populacional no Brasil, com uma discussão a respeito da mulher idosa quanto às mudanças sociais e como ela está atualmente; tomando-se como referência, Regina, personagem do filme *O outro lado da rua* (2004) e Dóris, personagem do filme *Depois daquele baile* (2005). O olhar aqui proposto tem como metodologia a análise de textos que estudam o tema e das

protagonistas dos dois filmes da cinematografia brasileira, analisados em pesquisa realizada pela autora, concluindo-se que a população idosa cresce e ganha visibilidade por meio de comerciais de TV, de novelas e também no cinema, encontrando-se ativa na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher Idosa. Cinema. Cultura. Velhice.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to pay attention to the cinema, culture and elderly woman in order to observe the consequences of population aging in Brazil, with a discussion about the elderly woman about the social and how it is currently changing, taking as reference, Regina, movie character of “O outro lado da rua (2004)” and Doris, movie character of “Depois daquele baile (2005)”. The look proposed here is to approach the analysis of texts studying the subject and the

protagonists of the two films of the Brazilian cinema, analyzed in the survey conducted by the author, concluding that the elderly population grows and gains visibility through TV commercials, novels and also in film, lying active in society.

KEYWORDS

Elderly Woman. Cinema. Culture. Old Age.

RESUMEN

La propuesta de este trabajo es prestar atención al cine, la cultura y la mujer anciana con el fin de observar las consecuencias del envejecimiento de la población en Brasil. Con una discusión acerca de la mujer de edad avanzada como los cambios sociales y la forma en que actualmente se encuentran los avances, se tomaron como referencia Regina, personaje de la película **O outro lado da rua** (2004) y Dóris, personaje de la película **Depois daquele baile** (2005). La mirada que aquí se propone tiene como metodología el análisis de textos

que estudian el tema y de las protagonistas de las dos películas del cine brasileño. Y con tal estudio analítico, se concluye que la población de edad avanzada crece y gana visibilidad a través de anuncios publicitarios de televisión, telenovelas y también en el cine, encontrándose activa en la sociedad.

PALABRAS CLAVE

Mujer Anciana. Cine. Cultura. Vejez.

1 INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado visa tratar de personagens da cinematografia brasileira, uma vez que cinema, segundo Teixeira e Lopes (2003, p. 10):

[...] é uma forma de criação artística, de circulação de afetos e de fruição estética. É também uma maneira de olhar. É uma expressão do olhar que organiza o mundo a partir de uma idéia sobre esse mundo. [...] Olhares e idéias postos em imagens em movimento, por meio das quais compreendemos e damos sentido às coisas, assim como as ressignificamos e expressamos.

E, que cultura, conforme afirma Bosi (1996) é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social.

O olhar aqui proposto tem como metodologia a análise de textos que estudam o tema e de protagonistas de dois filmes da cinematografia brasileira, estudados na pesquisa: **Regina – O outro lado da rua** (2004) e **Dóris – Depois daquele baile** (2005).

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu que se é velho aos 60 anos nos países em desenvolvimento, e 65 nos países desenvolvidos, tendo como referência a idade para a aposentadoria e a expectativa de vida, que é maior nos países desenvolvidos. Segundo Neri e Freire (2000) a sociedade estabelece uma idade para o início da velhice em resposta às mudanças evolutivas comuns à maioria das pessoas dos vários grupos etários, considerando os fatores biológicos, históricos e sociais.

Velhice, conforme Simone de Beauvoir (1990, p. 345) é “o que acontece às pessoas que ficam velhas” e, para Guita Debert (1998), velhice não é uma categoria natural, mas uma categoria socialmente construída, que faz distinção entre um fato natural (ciclo biológico, do ser humano) e um fato universal (fatores sociais e históricos), os quais proporcionam formas diferentes de se conceber e viver o envelhecimento.

Conforme os grupos etários dos indivíduos, cada sociedade organiza estruturas, funções e papéis cotidianos. E a forma como se dá essa organização torna

possível situar o “lugar social do idoso”, variável de uma sociedade para outra e até em uma mesma sociedade, em momentos históricos diferentes ou classes e grupos sociais diferentes (SCOTT, 2002).

Motta (2002, p. 131) afirma que:

[...] no imaginário social, o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da “idade” como algo que se refere à “natureza”, e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte. Não se costuma pensar em nenhum bem; quando muito, alguma experiência. Nenhum ganho, nessa viagem ladeira abaixo.

Motta aponta, também, para uma representação biológica da velhice com consequências sociais. E, para Lima (1998, p. 22),

O desinteresse pelo velho tem sido uma constante. Muitos acham que ele não conta, já desempenhou o seu papel no mundo, cumpriu o seu percurso natural e deve aguardar o momento do desfecho fatídico para abandonar a vida. O idoso não tem futuro, nenhuma razão lógica para viver.

Assim, com vistas a observar as consequências do envelhecimento populacional no Brasil, a presente investigação objetiva discutir a respeito da mulher idosa quanto às mudanças sociais e como ela está atualmente, tomando-se como referência, como dito acima, Regina, personagem do filme **O outro lado da rua** (2004) e Dóris, personagem do filme **Depois daquele baile** (2005).

2 A MULHER IDOSA E AS MUDANÇAS SOCIAIS

Para os historiadores é uma tarefa difícil conhecer a realidade da velhice nas sociedades antigas; sabe-se, contudo, que a vida nessa época era muito dura e os indivíduos deveriam ter bastante saúde e resistência física para vencer as inúmeras enfermidades, pois: “a velhice começava cedo e a longevidade era rara e ‘selecionada’ [...], porque cuidar da saúde era privilégio de uma minoria abastada” (MASCARO, 2004, p. 25).

No feudalismo – Alta Idade Média – as mulheres idosas tinham condição de vida muito difícil, de muita inferioridade e, segundo Mascaro (2004, p. 30), “O destino que aguardava essas idosas era solidão e pobreza”. No Renascimento existia uma exaltação à beleza e ao vigor dos corpos jovens, principalmente ao corpo feminino, assim, a imagem da mulher idosa era cruelmente desprestigiada, “sendo comparada muitas vezes a uma feiticeira” (MASCARO, 2004, p. 31).

No final da década de 1950 e início dos anos 1960, o aumento mundial da população de idosos é iniciado nos países desenvolvidos em decorrência de fatores como: queda de mortalidade, grandes conquistas do conhecimento médico, urbanização adequada das cidades, melhoria nutricional, elevação dos níveis de higiene pessoal e ambiental tanto em residências como no trabalho assim como em decorrência dos avanços tecnológicos.

No Brasil, vem sendo realizada discussão a respeito da velhice, apesar das dificuldades de condições de vida ainda enfrentadas por sua população. Aqui e nos demais países em desenvolvimento, nos últimos 60 anos, o aumento da expectativa de vida foi evidenciado por avanços tecnológicos relacionados à área de saúde, como: vacinas, antibióticos e quimioterápicos que tornaram possível a prevenção ou cura de muitas doenças. A queda de fecundidade, iniciada na década de 1960, também, permitiu a ocorrência de uma explosão demográfica, que fez surgir a noção de velhice como etapa diferenciada da vida.

Segundo Tavares (2005, p. 101):

O fenômeno demográfico de elevação da expectativa de vida e de maior proporção de idosos nas sociedades, principalmente nos países em desenvolvimento, tem gerado espanto e suscitado debates sobre a velhice e o envelhecimento em todos os âmbitos, quer sejam leigos, científicos ou governamentais.

Vê-se que o idoso, cada vez mais tem esperança de viver. Essa esperança de vida (LIMA, 1998), relaciona-se à imagem presente na teoria do desengajamento, teoria que Segundo Cumming e Henry (1961), parte na velhice do senso comum, isto é, pessoas idosas es-

tão menos envolvidas na vida social do que na juventude, ou seja, o envelhecimento é um acontecimento mútuo e inevitável de retirada ou desengajamento, onde diminuem as interações entre aquele que está envelhecendo e os indivíduos do seu sistema social. Na cultura do Brasil, nem todos desengajam, como é evidenciado pelo crescente número de pessoas mais velhas que permanecem empregadas, saudáveis, política e socialmente ativas.

Entre os idosos os aposentados surgem como grupo, chamados de “ator político” por Júlio Simões (2004, p. 28), os quais passam a ser identificados de diferentes maneiras, inclusive politicamente, pelos sujeitos que compartilham o mesmo espaço social. E foi por meio da organização de grupos que esses novos atores – entre eles as mulheres – alcançaram a aposentadoria e a criação de lei e estatutos.

A aposentadoria surgiu como uma instituição social, para assegurar aos indivíduos renda permanente até a morte, pela necessidade de segurança individual que marca a atual sociedade. Ao alcançar a aposentadoria o indivíduo passa por uma crise, pois com a saída da vida de competição são reduzidas a autoestima e a sensação de ser útil; alguns tendem a se isolar do mundo, ao perceber que ninguém necessita dele; sentem-se recusados e excluídos da sociedade. Ocorre ainda uma queda do nível de renda que, conseqüentemente, afeta sua qualidade de vida e sua saúde.

Isolamento e angústia são sentidos mais pelos homens do que pelas mulheres, porque muitos homens possuem maior dificuldade de adaptação nesse período, por ter que passar tempo maior no espaço privado da sua casa, e suas relações ao longo de suas vidas se estabeleceu no espaço público e no mundo do trabalho; muitos deles não se interessam pelas atividades da casa e pelos grupos de convivência, motivo que justifica os grupos de convivência ser composto mais por mulheres. As mulheres durante a vida desempenham o papel de trabalhadoras, e outros papéis sociais significativos, são mais ligadas à família, ao espaço privado do lar e participam dos grupos de convivência, passear e viajar (DEBERT, 1998).

Assim, para muitos idosos, após a aposentadoria, a reinserção no mercado de trabalho é muito importante, pois o emprego é instrumento para a satisfação de necessidades materiais do trabalhador e de sua família.

Uma área, dentre os estudos sobre envelhecimento populacional que tem recebido bastante atenção “é a ‘feminização da velhice’”. Dada a menor mortalidade feminina, as mulheres predominam entre a população idosa” (CAMARANO, 2003, p. 35), ou seja, homens morrem mais cedo e as mulheres vivem mais. E Camarano prossegue:

A maior preocupação com a questão do envelhecimento populacional e, em especial, com o feminino, decorre do fato de se encarar esse contingente como dependente e vulnerável não só do ponto de vista econômico, como também de debilidades físicas, o que pode acarretar perda de autonomia e incapacidade para lidar com as atividades do cotidiano. (CAMARANO, 2003, p. 35).

Para que essa mulher idosa tenha uma boa qualidade de vida e bem-estar, alguns fatores estão relacionados à sua moradia e convívio com a família.

3 A MULHER IDOSA NA ATUALIDADE

A ‘feminização da velhice’ tem recebido bastante atenção, pois, “quanto mais idoso é o contingente, maior é a proporção de mulheres” (CAMARANO, 2003, p. 37). Porém, as mulheres idosas experimentam uma maior probabilidade de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desvantajosa, pois muitas não tiveram um trabalho remunerado durante a sua vida. E, muitas delas, antes da morte passam por maior período de debilitação biológica que os homens, embora elas, mais que eles, participam de atividades extradomésticas: de organizações e de movimentos de mulheres, cursos especiais, viagens, grupos de sociabilidade e até trabalho remunerado temporário (CAMARANO, 2003).

Para exemplificar uma vivência em sociedade, Seeger (1980, p. 62) ao tratar dos índios Suyá diz que:

Uma das lições mais importantes que os Suyá repetidamente me ensinaram foi que aquilo que com muita frequência eu tomava como sentimentos ou comportamentos individuais era, na verdade, a expressão de sentimentos e comportamentos culturalmente definidos, adequados a determinada categoria de pessoas. Essa descoberta [...] foi especialmente importante para compreender as atividades aparentemente excêntricas dos membros da classe de idade de pessoas velhas, os *wikényi*.

Por meio de Seeger, se vê que há, também, questões culturais. Esse autor diz, ainda, que entre os Suyá: “As mulheres velhas normalmente não se tornam tão dependentes quanto os homens velhos. Estão intimamente envolvidas nas atividades domésticas de suas filhas [...]” (SEEGER, 1980, p. 62). Nos dias atuais as idosas se envolvem nas atividades domésticas de suas filhas, cuidando dos seus lares e dos seus filhos, ou seja, dos seus netos.

É fato, no entanto, que a mulher idosa está vivendo mais e em melhores condições de vida, isso se deve “à ação conjunta de três fatores: a ampliação da cobertura previdenciária, o maior acesso aos serviços de saúde e o crescimento da tecnologia médica” (CAMARANO, 2003, p. 41).

Cabe, entretanto, procurar entender a velhice e a morte como fenômenos patológicos. Segundo Morin (1997), esses fenômenos abrem possibilidades de ações práticas que podem retardar, amenizar ou mesmo anular os efeitos do envelhecimento e “enganar” a morte. Nesse sentido, o homem ocidental contemporâneo tem avançado cientificamente, ao desenvolver substâncias e técnicas que contribuem para o aumento do tempo da juventude e para uma vida mais longa. E o homem continua em busca da juventude, de uma vida mais longa. Para Myrian Lins de Barros (1987, p. 187):

A pessoa realiza revisões sucessivas durante a vida e a revisão nessa etapa [na velhice] parece se dar também em função do conhecimento no fim da vida e da proximidade da morte. [...] Essa presença por si só traz a força da revisão da vida e também a familiaridade com a ideia do fim.

Não é fácil para o indivíduo e em particular a mulher idosa sentir familiaridade com a morte. Pensa-se a morte do outro, e de tal modo também se pensa com relação à velhice: o outro envelhece, eu não. Isso demonstra o receio em se encarar a velhice, pois nela o ser humano passa por transformações vitais determinadas a todo ser vivo e é também quando ele, por estar na maturidade, tem consciência da finitude, repensa o passado, observa o presente e imagina futuro.

Rubem Alves demonstra a sensação de finitude na sua crônica **Sobre a Morte e o Morrer...**: “Já tive medo da morte. Hoje não tenho mais. [...] Concordo com Mário Quintana: ‘Morrer, que me importa? [...] O diabo é deixar de viver’. A vida é tão boa! Não quero ir embora...”

É certo que envelhecer é diferente de pessoa para pessoa, devido a diversos fatores como tempo, hereditariedade e meio ambiente, os quais influenciam com o passar dos anos. E, conforme Mascaro (2004), a mídia interfere na concepção da sociedade e influencia o idoso que passa a se comportar como ela o apresenta.

Surgiram nos anos 1960 no ambiente social brasileiro, ao se pensar na população idosa, iniciativas com vistas a promover um envelhecimento bem sucedido. O Serviço Social do Comércio (SESC) abriu, nessa época, espaço para que associados idosos pudessem se reunir para participar de atividades de lazer.

Essas atividades proliferaram nos anos 1980, quando se observou o encontro das pessoas idosas em grupos organizados de convivência: clubes, escolas e cursos, entre esses os programas para a terceira idade, onde o idoso tem a oportunidade de expressar e propor novos padrões para uma geração que se aposenta e envelhece ativamente, com isso é possível perceber a mudança de mentalidade dos idosos.

O convívio em sociedade possibilita, ainda, o engajamento do idoso em atividades que o faz sentir-se útil, até mesmo aquele que possui boas condições financeiras, uma vez que estará envolvido em atividades que lhe proporcionarão prazer e felicidade, isto é, eles se mantêm engajado socialmente e a relação com outras pessoas contribui significativamente em sua qualidade de vida.

Segundo Ester Junqueira (1998, p. 30):

A preocupação inicial dos trabalhos com idosos era principalmente oferecer lazer, diversão, passeios e viagens, até porque era mais fácil começar atividades desta forma. Mas com o tempo foi percebido que, com isso, o idoso está sendo infantilizado. Surgiu, assim, uma tentativa de mudança com a criação da Universidade Aberta à 3ª Idade.

A Universidade Aberta à 3ª Idade (UATI) surge com o intuito de integrar o velho à sociedade, em oposição às instituições asilares e com a intenção de envolvê-lo em atividades culturais, por ser ele “o agente do processo educativo e que, por isso, o trabalho é feito ‘com ele’, e não ‘para ele, ou ‘por ele’ (JUNQUEIRA, 1998, p. 31).

Clarice Peixoto (1997, p. 73), diz que nas universidades da terceira idade:

As pessoas vêm em busca de novas amizades, assim como para vencer a solidão [...] O que há de específico nas universidades da terceira idade é a oferta de atividades voltadas para a educação permanente, mas principalmente, a possibilidade de estabelecer relações com as gerações mais novas.

Alda Motta, ao refletir sobre sociabilidade, diz que grupo organizado é: “Um fenômeno próprio da sociedade atual”, uma vez que “é o encontro de pessoas idosas em grupos organizados, de variadas propostas, desenvolvendo uma sociabilidade marcadamente intrageracional” (MOTTA, 2004, p. 109).

Os grupos organizados são bem aceitos pelos idosos, por encontrarem, nesse viver em sociedade, uma boa relação com seus pares, apesar de demonstrarem existir uma carência, inclusive, muitos deles gostam mais de serem chamados de idoso, porque para eles o termo velho se apresenta cheio de preconceito.

Socialmente o preconceito que existe com relação à sexualidade é muito forte, isto é, há uma concepção de que o idoso é assexuado. Quando ele é visto assim, é como se não tivesse mais direito a amar, a viver a afetividade. Porém, as reflexões sobre o amor remontam de longa data e o idoso, como todo indivíduo, sente desejo pelo outro, quer carinho, afago, companhia.

Alda Motta (2004) fala de uma sociabilidade pura, espontânea, que acontece no encontro de idosos em praças. Essa autora, ainda em reflexão sobre sociabilidade, diz serem bons o reencontro e a solidariedade geracionais, enquanto o idoso busca uma redefinição de um lugar social, e acrescenta que:

[...] deverão ser também base e fortalecimento para busca – que deveria ser da sociedade inteira – da convivência, privada e pública, com as outras gerações. [...] Resta, então, por enquanto, o encontro geracional. Que não é tudo, mas também não é pouco [...]. (MOTTA, 2004, p. 118-119).

Alda Motta (2004), portanto, defende o encontro entre gerações. E no Brasil, porém, apesar dos programas existentes, ainda cabe aos velhos assegurarem sua sobrevivência e estratégias de sociabilidade. E, nas camadas populares a sociabilidade é restrita à relação com a família e com a vizinhança, em virtude de suas precárias condições de vida, pois não têm uma autonomia financeira. Nas camadas médias os velhos, para combater a solidão, buscam companhia e distração nos espaços públicos como praças, parques e praias.

Assim, uma vez que a sociabilidade do idoso, nas diversas camadas sociais, tem como base o núcleo familiar, cabe mais uma vez ressaltar a importância da família. Segundo Velho (1999) é dentro da família e a partir desta que se desenvolvem as relações e dramas psicológicos e sociais mais significativos; para ele o mundo só faz sentido e ganha significado com a família nuclear como referência e palco central.

E, concordando com Simone de Beauvoir que em 1970, referindo-se ao tema velhice, dizia ser seu objetivo “quebrar a conspiração do silêncio”, pode-se perceber que esse silêncio vem sendo “quebrado”, uma vez que aumentam não só os estudos sobre o tema, como também, frequentemente, idosos são personagens em comerciais, novelas e filmes. Portanto, a seguir, por meio dos filmes analisados nesta pesquisa, poder-se-á refletir a respeito de questões relacionadas à mulher idosa.

3 OLHARES SOBRE A MULHER IDOSA NA CINEMATOGRAFIA BRASILEIRA

3.1 PRIMEIRO OLHAR: REGINA – O OUTRO LADO DA RUA

O Outro Lado da Rua, de Marcos Bernstein, lançado em 2004. Nesse filme, dois personagens idosos vivem uma experiência de velhice em Copacabana e uma relação nestes novos tempos: Camargo (Raul Cortez), e Regina (Fernanda Montenegro).

Regina (Fernanda Montenegro), mulher de aproximadamente 65 anos, separada, vive sozinha em um apartamento de classe média, no bairro de Copacabana com sua cachorrinha Betina. Trabalha voluntariamente para a polícia, como “espiã”, sob o codinome de “Branca de neve”, denunciando pequenos delitos que acontecem em Copacabana. Ela usa o trabalho voluntário como uma estratégia para sentir-se útil e manter-se ocupada, contornando sua solidão.

Financeiramente, Regina se mantém com a aposentadoria. Ela é uma mulher idosa, politicamente correta, quando sai para passear com Betina, coleta o “cocô” não só da sua cadela, mas de todos os cachorros; demonstra ser uma pessoa integrada à sua comunidade, tem boa relação com o jornalista, o porteiro do prédio. Não tem amigos, embora tente fazer amizade com o delegado e com Patolina (Laura Cardoso). Ela faz um movimento que deve ser feito pela sociedade e o idoso nela inserido e é na maturidade, com o aumento da expectativa de vida, que a mulher idosa deve, ainda, atuar socialmente e buscar ter qualidade de vida.

E Regina, em uma noite de insônia, com seu binóculo, presencia o que lhe parece ser um homem (Camargo), matando sua mulher com uma injeção. Ela avisa a polícia, mas é desacreditada. Resolve, então, provar que estava certa e acaba se envolvendo com o suposto assassino. O encontro dos dois permite uma reavaliação das suas vidas e a possibilidade de novos projetos.

3.2 SEGUNDO OLHAR: DÓRIS – DEPOIS DAQUELE BAILE

Depois Daquele Baile, filme de 2005, do gênero comédia romântica, dirigido por Roberto Bomtempo, roteiro de Susana Schild, baseado em peça teatral de Rogério Falabella. É um filme, sobre a terceira idade, conta a história de Dóris (Irene Ravache), uma mulher de aproximadamente 65 anos, viúva, alegre, sonhadora. Ela vive em Belo Horizonte, em uma casa espaçosa de uma vila, na companhia de Beth (Ingrid Guimarães), sua sobrinha, uma jovem de aproximadamente 25 anos e sua filha mora nos Estados Unidos.

Dóris é uma mulher na terceira idade, exuberante e cheia de vida, especialista em culinária mineira e oferece um serviço de pensão para poucos clientes. Para agradá-los ela prepara as refeições de acordo com a dieta de cada um e nas noites de sexta-feira promove um jantar dançante. Entre os mais frequentes estão Freitas (Lima Duarte) e Otávio (Marcos Caruso), dois grandes amigos que dividem confidências e uma grande paixão por ela, que os tem como amigos e clientes do serviço de pousada. Financeiramente conta com a pensão que recebe após a morte do marido e o valor recebido do serviço prestado em sua casa.

Apesar da idade avançada, Dóris alimenta sonhos de encontrar um amor. Seus sonhos são pouco alcançáveis, na visão de Beth, cujas desilusões amorosas a transformam em uma pessoa crítica e pouco esperançosa, fazendo-a acreditar que na idade de Dóris não é mais possível encontrar um grande amor. Porém, Dóris demonstra que todo ser humano “deseja amar e ser amado, ser útil e independente e sentir o significado profundo que representa a sua existência ao longo de todo o curso da vida” (CAPODIECI, 2000, p. 22).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que a população idosa cresce e ganha visibilidade, por meio de comerciais de TV, em novelas e também no cinema, o qual, conforme dito aqui é uma forma de criação artística, de circulação de afetos e de fruição estética, e também uma maneira de

olhar onde se organiza o mundo a partir de uma ideia sobre esse mundo, e, ainda, uma vez que a cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social, observa-se que outros setores da sociedade são influenciados e exercem influência na reformulação das representações acerca da velhice e do envelhecimento.

Apesar de que nas décadas de 1970 e 1980, o mercado de trabalho tivesse restrições aos profissionais acima de 40 anos, porque essas pessoas não tinham grande consciência sobre sua própria saúde e muitas delas apresentassem problemas de saúde, exaustão e redução da capacidade de trabalho.

Analisando o cinema por meio das protagonistas dos filmes em estudo, percebe-se que elas apresentam reformulação das representações acerca da velhice e do envelhecimento, por demonstrarem ter consciência, quando, apesar de aposentadas procuram, mesmo informalmente, se dedicar ao trabalho; Dóris, viúva, complementa sua renda (benefício recebido como pensionista pela morte do marido), executando um serviço de pensão e Regina sendo como informante de pequenos delitos realizados no bairro de Copacabana, onde reside. Regina substitui o vazio financeiro e o isolamento muitas vezes ocasionado pela aposentadoria, considerada muitas vezes o fim da vida.

Regina e Dóris evidenciam que, apesar de o corpo passar por uma transformação física, há na idosa uma memória, um registro de histórias no horizonte da temporalidade e que o outro é um ser que, como ela, também ignora e domina alguns conhecimentos.

Dóris e Regina (após a aposentadoria), estando na idade considerada da velhice, demonstram que a mulher anseia por viver e viver bem, desejando exercitar sua feminilidade por meio do amor e do prazer sexual, e não se deixam deslocar para uma “zona de entorpecimento” (ECKERT E FRANÇA, 1999).

Dóris ao ser cortejada por Otávio e Freitas e Regina ao se interessar por Camargo, buscam outra possibilidade para si, se reconstroem, ou seja, a partir do momento em que se concebem como abertura de possibilidades e aceitam o fluxo que a vida lhes apresen-

ta – um relacionamento amoroso; elas são capazes de “reformular” o seu modo de ser no mundo, fazendo outras escolhas, diferentes das que haviam feito anteriormente. As duas, em suas atitudes, confirmam que a idosa possui experiência, conhecimentos que podem ser trocados com os mais jovens: Regina com o seu neto Bruno e Dóris com sua sobrinha Bete. Afinal, as concepções são ilusórias ao se pensar que somente os velhos envelhecem, ou que o “velho é sempre o outro”, como escreve Simone de Beauvoir (1990).

Por fim, Dóris e Regina confirmam que se pode envelhecer adequadamente, exercitando as renúncias necessárias que um possível declínio do corpo e da juventude solicita. Ambas têm como mulher, a percepção de que o limite não é necessariamente a morte biológica, mas a morte social, aquela que retira do indivíduo sua autonomia e sua independência, sua condição de agir plenamente como indivíduo.

Cabe, portanto dizer que a família tem um lugar de destaque na criação de uma estrutura que estimula novos caminhos para o idoso, isso é representado por Dóris ao viver bem com sua sobrinha e manter uma boa relação com sua filha, e por Regina ao se relacionar com o neto e ao buscar se reaproximar do filho. Assim, vale apontar para a necessidade do encontro de gerações, quando haverá uma verdadeira convivência, troca de ideias, aprendizado e a possibilidade de uma luta em conjunto para que as leis sejam postas em prática e não fiquem apenas no papel.

Por fim, há muito para se refletir a respeito do sentimento da idosa no mundo, particularmente atualmente, uma vez que muitas das construções mentais e experiências por elas vividas foram forçadas e vivenciadas em outro tempo social, um tempo passado. Mas não cabe apenas uma remissão ao passado, porque a experiência é uma jornada que não termina, principalmente, para aquelas idosas, abertas a mudanças, ao novo, dispostas a aprender e que têm buscado o aprendizado; aquelas que inovam, participam ativamente da vida social, das lutas por melhorias e que acompanham os avanços da comunicação, da ciência, da tecnologia.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **E os velhos se apaixonarão de novo...** Disponível em: <<http://verdadeirosadoradores-servamara.blogspot.com.br/2012/06/e-os-velhos-se-apaixonarao-de-novo.html>>. Acesso em: 10 jul. 2011.
- BARROS, Miriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice, In: **Perspectivas antropológicas da mulher**, v.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- BARROS, Miriam Moraes Lins de. Velhice na Contemporaneidade. In: PEIXOTO, Clarice Peixoto (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BERNSTEIN, Marcos. **O outro lado da rua** [Filme-vídeo]. Produção e direção de BERNSTEIN, Marcos. Rio de Janeiro: Neanderthal MB Cinema, Passaro Films, 2004, 97min. Gênero: Drama. Tipo: Longa-metragem/Colorido.
- BOMTEMPO, Roberto. **Depois daquele baile** [Filme-vídeo]. Produção e direção de Roberto Bomtempo. Belo Horizonte: Movimento carioca produções artísticas e Quimera filmes, 2005, 108min. Gênero: Drama. Tipo: Longa-metragem/Colorido.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BRASIL. **Organização Mundial de Saúde (OMS)**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=360>. Acesso em: 5 dez. 2011.
- CAMARANO, Ana Maria. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? In: **Estudos avançados**, n.17, 2003.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAPODIECI, Salvatore. **A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos.** São Paulo: EDUSC, 2000.

CUMMING, Elaine; HENRY, William E. **Growing old: the process of disengagement.** New York: Basic Books, 1961.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998

ECKERT, Cornelia e FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhas. **Olhares sobre o viver, o envelhecer e o morrer de mulheres Idosas na cidade de Porto Alegre.** Disponível em: <<http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2004-09-olhares-sobre-viver.pdf>>. Acesso em: 20 de dez. 2011.

JUNQUEIRA, Ester Dalva Silvestre. **Velho. E, por que não?** Bauru: EDUSC, 1998.

LIMA, Delcio Monteiro de. **O Peso da idade: panorama da velhice no Brasil.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice.** 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1954.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MOTTA, Alda Brito da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Histórias de mais de 60 Anos. Dossiê Gênero e Velhice.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

MOTTA, Alda Brito da. Envelhecimento e Sentimento do Corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA Jr. Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MOTTA, Alda Brito da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Família e envelhecimento.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Apresentação: qual é a idade da velhice? In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Org.). **E por falar em boa velhice.** Campinas: Papyrus, 2000. P. 2-4.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Introdução: processos diferenciais de envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers. (Org.). **Família e envelhecimento.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos.** A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu.** Florianópolis: UFSC, 2000.

SCOTT, Russel Parry Envelhecimento e Juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza & COIMBRA Jr. Carlos Everaldo Alvares (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

SEEGER, Anthony. Os velhos nas sociedades tribais. In: SEEGER, Anthony (Org.). **Os índios e nós** (Estudo sobre sociedades tribais brasileiras). Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SIMÕES, Júlio Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TAVARES, Samila Sathler. O que rima com idade? Identidade e sociabilidade na velhice em tempos de transição. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (Org.). **Cinema, velhice e cultura**. Campinas: Alínea, 2005.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro & LOPES, José de Sousa Miguel. Apresentação. In: TEIXEIRA, I. A. de Castro & LOPES, J. de Sousa Miguel (Org.). **A escola vai ao cinema**. 2.ed. Belo Horizonte: Atlântica, 2003.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Recebido em: 23 de Julho de 2015
Avaliado em: 31 de Agosto de 2015
Aceito em: 31 de Agosto de 2015

1. Mestre em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Técnico Universitário – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Integrante do Grupo Miradas – CULT/UFBA e do Programa Incubadora de Iniciativas da Economia Popular e Solidária da UEFS (IEPS/UEFS) –
E-mail: armc@uefs.br/anina.messias@gmail.com